



Classica - Revista Brasileira de Estudos
Clássicos

ISSN: 0103-4316

revistaclassica@classica.org.br

Sociedade Brasileira de Estudos
Clássicos
Brasil

Basilio Vieira, Ana Thereza
A EXPOSIÇÃO DOS ANIMAIS NA OBRA DE PLÍNIO O VELHO: EXOTISMO E
MONSTRUOSIDADE NA NATURALIS HISTORIA
Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, vol. 30, núm. 2, 2017, pp. 91-1099
Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos
Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=601770916006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A EXPOSIÇÃO DOS ANIMAIS NA OBRA DE PLÍNIO O VELHO: EXOTISMO E MONSTRUOSIDADE NA *NATURALIS HISTORIA*¹

Ana Thereza Basilio Vieira*

* Professora de Língua e Literatura Latina, Departamento de Letras Clássicas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. atherezavieira@gmail.com

RESUMO: A catalogação e exaltação das conquistas romanas ao longo dos tempos é um dos pontos centrais na obra pliniana, que se apoia sobre um caráter primordial do autor: a curiosidade. Animais domésticos ou selvagens são constantemente citados por Plínio em sua *Naturalis Historia*, seja na parte reservada à zoologia, seja na farmacopeia ou mesmo na antropologia, haja vista que o homem também se insere na categoria animal. A descrição leva em conta critérios nítidos: contato, local, aspecto, tamanho, hábitos e utilidade para os romanos. Além disso, o exotismo e a monstruosidade – ou o estranhamento frente a uma espécie desconhecida – garantem ao autor um possível leitor desejoso de novos conhecimentos. Espetáculos, em âmbito público ou privado, são os melhores locais para a exibição das espécies, trazidas das zonas periféricas, que compõem o Império romano.

PALAVRAS-CHAVE: Animais; história natural; catalogação; exotismo; monstro.

ANIMAL'S EXPOSITION IN PLINY THE ELDER'S WORK: EXOTICISM AND MONSTROSITY IN NATURALIS HISTORIA

ABSTRACT: The process of cataloguing and exalting Romans' conquests through centuries is a crucial point of Pliny's work, which bases itself on a crucial feature of the author: the curiosity. Pliny constantly quotes both domestic or savage animals by in his *Naturalis Historia*, either in the zoological part, either in the pharmacopeia or in anthropology, since human beings are also included in animal category. The description attempts some clear criterions: contact, place, aspect, size, customs and utility for the Romans. Furthermore, exotics and monstrosity – or strangeness facing an unknown species – ensures to the author a possible

¹ Este trabalho é fruto de pesquisa de pós-doutoramento, realizado no Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas da Universidade de São Paulo.

lector desiring of new knowledge. Spectacles, in public or private sphere, are the best locals to the exhibition of the species, brought from periphery zones, which composes the Roman Empire.

KEYWORDS: Animals; natural history; catalogue; exotics; monster.

A *Naturalis Historia*² apresenta uma grande parte de seus livros dedicada aos animais: 8 a 11, sobre zoologia; 18, sobre a utilização de animais domésticos para o serviço no campo, e 28 a 32, sobre farmacopeia. Para todos os livros, a principal fonte de Plínio o velho é Aristóteles, paradoxalmente resumido, mas acrescido de várias informações que seu antecessor teria ignorado ou menosprezado: *Aristoteles diversa tradit, vir quem in his magna secuturus ex parte praefandum reor* (Pl. NH VIII, 43).³

Muitos comentadores modernos⁴ acusam Plínio de não ter superado seu modelo e apresentado uma classificação mais metodológica ou científica; entretanto, eles ignoram o conhecimento ou as intenções do autor. Bodson assegura que:

*La critique a fini par minimiser, voire méconnaître l'importance du travail de l'encyclopédiste latin pour la vulgarisation, à partir du I^{er} siècle de notre ère, des connaissances zoologiques dont les unes ont été accumulées par ses prédécesseurs, tandis que d'autres, jusqu'alors inédites, sont enregistrées et sauvegardées par lui.*⁵ (Bodson, 1986, 109)

Plínio segue um plano, descrito no livro 1 de sua *NH*, onde pretende expor em várias seções a enumeração dos animais, acrescidos de digressões e rupturas de um plano primeiro exposto no índice. Além disso, os denominados animais exóticos e os *mirabilia* povoam os livros 8 a 11, mais tarde retomados na esquematização da farmacopeia, sobretudo de origem animal. Apresentam-se características, virtudes, propriedades terapêuticas e produtos feitos a partir de cada parte dos animais, bem como sua relação, ou repugnância, aos homens.

A proposição da *NH* é, segundo o próprio autor, dentro de uma política de expansão do Império Romano e de difusão de saberes, apresentar aos romanos os frutos das conquistas. Entretanto, ao abraçar essa proposta, Plínio, algumas vezes, não prima pela exatidão de suas descrições dos fatos. Na ânsia de revelar seus conhecimentos – lidos, ouvidos ou, raras

² Doravante a obra será referenciada como *NH*.

³ “Aristóteles transmitiu de forma diversa, homem a quem confesso dever citar primeiramente, enquanto o sigo em grande parte nestes assuntos.”

⁴ Bodson (1986, p. 107) enumera uma série de comentadores que não vislumbravam em Plínio nenhuma novidade ao abordar o tema da zoologia; entre eles a autora cita, por exemplo: Brunet, Milei, Petit, Théorides. Além disso, na introdução à edição da *The Loeb Classical Library* (1967, p. IX-X), Rachman já traçara um perfil pouco elogioso a Plínio, referente à sua originalidade.

⁵ “A crítica acabou minimizando, isto é, desprezando a importância do trabalho do enciclopédista latino pela vulgarização, a partir do século I de nossa era, dos conhecimentos zoológicos, sendo alguns acumulados por seus predecessores, enquanto que outros, até então inéditos, foram por ele registrados e salvaguardados.”

vezes, vivenciados –, o escritor se esquece de confirmar as suas fontes ou de assegurar de que estão inseridas no devido contexto.

As fontes ou autoridades plinianas são citadas apenas pela nomeação dos autores (Hesíodo, Platão, Aristóteles, Virgílio, Catão; separadamente estrangeiros e romanos), sem menção direta às obras, exceto raríssimas vezes. O gosto pelos exemplos imaginários (diga-se inventados num imaginário popular) e a frequente omissão de fatos estranhos causam certa estranheza, fato que contribui grandemente para o menosprezo de certa crítica com relação a Plínio.

Entretanto, um fato importante é que Plínio aumenta consideravelmente o rol de animais conhecidos até a época de Aristóteles, principalmente no que concerne às espécies de mamíferos e peixes, não obstante a discussão de estudiosos sobre o número correto identificado por cada autor. Muito graças às funções militares desempenhadas por Plínio ao longo de sua vida, o autor tem acesso a obras de autores logo desaparecidas, ou ainda conhece ele mesmo – e nomeia – os animais encontrados, por exemplo, na Germânia, nos Alpes ou na Judeia. A alguns desses animais Plínio não lhes dá uma nomenclatura própria, limitando-se a dizer a que classe pertence, devido ao desaparecimento da espécie, já alguns anos antes. Tal é o caso de um lagarto, que o autor tentará identificar através de uma espécie conhecida por comparação: “*Ex eadem similitudine est scincus – et quidam terrestrem crocodilum esse dixerunt –, candidior autem et tenuiore cute. Praecipua tamen differantia dinoscitur a crocodilo, squamarum serie a cauda ad caput uersa*”⁶ (Pl. NH XXVIII, 30).

Justamente as viagens auxiliam Plínio a esclarecer algumas discussões sobre a observação própria dos fatos que descreve: a presença de Plínio nessas regiões por algum tempo lhe deu oportunidade para fazer observações mais detalhadas *in loco*, descrevendo, no entanto, como essas espécies se comportavam ao serem transportadas para Roma. Ademais, Plínio não se detém a nomear todos os espécimes que encontra, mas apenas aqueles mais exóticos ou que mais característicos são de seus lugares de origem, posto que desconhecidos dos romanos. Interessam-lhe, sobretudo, os animais úteis, aqueles relacionados à culinária ou à caça, ou à medicina, além da raridade.

Vários nomes dados por Plínio aos animais foram mais tarde adotados na classificação das espécies. Alguns desses nomes derivam diretamente do grego, enquanto outros devem sua origem à linguagem dialetal com que eram já apontados.

Dados históricos acompanham a descrição das espécies, fundamentando a sua aparição e circunstâncias em que chegaram a Roma: “*Plinie enregistre aussi des informations sur les circonstances historiques qui ont permis à ceux-ci de découvrir, à Rome même, des spécimens des faunes étrangères*” (Bodson, 1986, p. 115).⁷

⁶ “Semelhante é o lagarto – que alguns disseram ser o crocodilo terrestre –, contudo, mais claro e de pele mais delicada. Mas por uma diferença principal se distingue do crocodilo: uma série inversa de escamas da cauda até a cabeça.”

⁷ Plínio também registra informações sobre as circunstâncias históricas que lhes permitiram descobrir, em Roma mesmo, espécimes de faunas estrangeiras.

Lado a lado com a beleza e o exotismo das espécies, divisa-se uma realidade negativa – a da utilização de animais em espetáculos cruéis para deleite do público, que corroborava para a percepção dos romanos como povo afim a espetáculos sangrentos.

A RELAÇÃO DO HOMEM COM OS ANIMAIS

Antes de tudo é preciso resgatar a história de contato e familiaridade de homens e animais. Conforme observa Carus⁸ (1880, p. 2):

L'homme arriva peu à peu à se familiariser intimement avec la vie des animaux. Il observait chez eux des phénomènes passionnels, des penchants et des antipathies, une vie domestique et sociale, toutes choses semblables, sinon dans le fond, au moins dans la forme, à ce qu'il sentait et éprouvait lui-même.⁹

Assim, a observação figura-se na primeira forma de contato: percepção e comparação de comportamentos tornam-se fundamentais para a compreensão de estados e sensações, doenças e fobias que o próprio homem sente. Entretanto, quando a imaginação se alia à observação, surgem descrições e lendas fabulosas acerca de figuras que jamais existiram ou que, ao menos, não existiram naquela exata forma descrita.

Realizada a aproximação dos homens com os animais, a denominação primeira é bastante genérica, e só mais tarde categorizada por espécies (peixes, aves, répteis); não se indica uma acepção ainda de valor individual, mas todos fazem parte de um grupo, segundo seus traços e formas de vida. Os animais fabulosos, logicamente, não se inserem em nenhum desses grupos, ainda não cientificamente reunidos.

Após as primeiras tentativas de ordenação dos animais, seja por classe, parentesco, gênero ou outro nome que se lhes dê, começa-se a tentar ordenar os animais por seus órgãos interiores. Possivelmente, caçadores e pastores teriam sido os primeiros a abrir os animais que caçavam ou criavam para melhor aproveitar suas partes. A seguir, adivinhos e magos se servem das entranhas e do sangue animal por conta de sua própria profissão.

Interessavam ao homem os fenômenos do ambiente em que vivia. Esses poderiam se apresentar de formas diferentes a cada dia, mês ou estação: as intempéries causavam estragos na própria natureza e, por conseguinte, homens e animais sentiam seus danos. As doenças poderiam gerar anomalias – ou monstruosidades – em todas as espécies animais, inclusive no homem. Assim, cada vez mais se fazia premente a busca do conhecimento do

⁸ Julius Victor Carus foi professor de anatomia em Leipzig, na segunda metade do século XIX, tendo trabalhado com alguns naturalistas e traduzido algumas obras acerca de zoologia de autores desde Aristóteles a Charles Darwin. Além disso, foi autor de diversos trabalhos também sobre zoologia, tendo dirigido por dois anos o Museu de Anatomia Comparada.

⁹ “O homem, pouco a pouco, vai se familiarizando intimamente com a vida dos animais. Ele observava, entre eles, fenômenos passionais, propensões e antipatias, uma vida doméstica e social, todas coisas parecidas, se não no íntimo, ao menos na forma, com aquilo que ele mesmo sentia e experimentava.”

corpo por dentro e por fora, dando origem aos estudos primeiros de terapêuticas e patologias humanas e animais.¹⁰

Ainda com respeito à classificação dos animais, teve-se que levar em conta alguns fatores extremamente importantes: o lugar onde esses animais viviam e seu entorno. Cada lugar tem animais que lhe são específicos, conforme o clima, o terreno etc. Não por acaso, a ideia será desenvolvida no tratado *Ares, águas e lugares* para discorrer sobre as doenças. Diz-nos Cairus (2005, p. 93): “O entorno é imutável, mas contornável. Lidar com o entorno, com os ventos, com as águas, com os solos etc. é algo que pode ser administrado pela dieta, quando não for imperioso evitar algum desses elementos ambientais”.

HOMENS E ANIMAIS NA ANTIGUIDADE GRECO-ROMANA

A cultura de cada povo dimensiona sua relação com os estudos desenvolvidos acerca da relação homem/animal. Textos escritos em grego e latim acerca desse assunto se centram, sobretudo, nos primeiros anos de nossa era, em teorias éticas e filosóficas, que levam em conta discussões iniciadas décadas ou séculos antes.¹¹

Interessa-se por tal relação homem/animal um público tão amplo quanto distinto: filósofos, moralistas, criadores de gado, pastores, caçadores e o próprio Estado. A maior influência clássica antiga seria proveniente de crenças religiosas e rituais: “*The ‘philosophers’ and ‘moralists’ views and the religious beliefs and rites.*”¹²

Não obstante algumas filosofias proclamarem a existência dos animais para simples benefício humano e, portanto, sujeitos aos abusos e maus tratos, sem nenhum tipo de justiça para eles, há também relatos de cidades, como Tessália, Argólida ou Atenas, que preferem poupar certos animais que lhes beneficiavam, espantando outros animais mais nocivos ou ajudando na lida diária.¹³

Plínio o velho relata nos livros 8 a 11, por exemplo, alguns casos de punição a pessoas que maltrataram animais, ainda que fossem raros esses episódios e, talvez por isso mesmo, dignos de nota. A empatia das pessoas para com algumas espécies servia-lhes como uma certa consciência moral, exigindo a punição aos culpados de lesarem um animal sem nenhuma justificativa convincente. Exceção feita aos espetáculos, é claro.

A relação dos animais com a religião é ampla: vítimas sacrificiais ou mensageiros, eles também eram presença constante em narrativas mitológicas, especialmente como símbolo

¹⁰ Brigitte Maire (2014, p. 1), na introdução ao livro por ela organizado, diz: “*The interest for all things living, both human and animal, saw a constant growth throughout antiquity and was accompanied by an ever-increasing willingness to learn more about the body in sickness and in health, about anatomy, pathology, and pharmacology*” (“O interesse por todas as criaturas vivas, humanas e animais, sentiu um crescimento constante através da Antiguidade e foi acompanhado por uma cada vez mais crescente disposição para aprender mais sobre o corpo doente e sadio, sobre anatomia, patologia e farmacologia”).

¹¹ Cf. Bodson, 1983, p. 313-315; Pugliarello, 1973.

¹² “As visões dos ‘filósofos’ e ‘moralistas’ e as crenças religiosas e os ritos”, In: Bodson, 1983, p. 313.

¹³ Kalof, 2007, p. 34-39; Bodson, 1983, p. 316; Carus, 1880, p. 1-3, entre outros.

de deuses. Nas narrativas sobre a Idade de Ouro, animais e homens viviam conjuntamente sem nenhuma ameaça recíproca: “Primeiro de ouro a raça dos homens mortais / criaram os imortais, que mantêm olímpias moradas /... espontânea a terra matriz fruto / trazia abundante e generoso e eles, contentes, / tranquilos nutriam-se de seus pródigos bens” (Hes. *Trab.* 109-110; 117-119).¹⁴

Após a queda desta raça, os homens passam a cultivar a arte da guerra e os animais já não são mais citados a seu lado, mas tornam-se vítimas ou da ambição ou de sacrifício. Entretanto, mesmo sendo vítima, havia que se levar em conta certos cerimoniais, em que o sangue inocente derramado não fosse causa de prejuízo: “... *animal sacrifice was not carried out without a carefully designed ceremonial which aimed at counterbalancing the potential danger of shedding blood of innocent victims*”.¹⁵

Em determinadas datas relacionadas a festivais, poderia o sacrifício animal ser proibido e até a abstinência de carne ser observada durante esse tempo, como, por exemplo, durante as *cerealia*, em honra à deusa Ceres. No entanto, ainda aqui havia o que poderia se chamar de culto exótico, pois que tochas acesas eram amarradas às caudas de raposas, soltas no Circo Máximo, conforme nos explica Ovídio (*Fastos*, vv. 679-682):

*Tertia post Hyadas cum lux erit orta remotas,
carcere partitos Circus habebit equos.
Cur igitur missae uinctis ardentia taedis
terga ferant uolpes causa docenda mihi est.*

Na terça luz depois das Híades, no Circo
cavalos haverá, saídos das baias.
Ora direi por que são soltas as raposas,
tendo no dorso presas ígneas tochas.¹⁶

Em outras épocas, sobretudo no campo, o cuidado dos homens para com os animais se faz notar através do tratamento a eles dispensado: cuidados na velhice, reconhecimento por sua bravura, direito de morrer em paz, proteção contra as intempéries. Ainda, muitas pessoas criavam animais de estimação e eram, após sua morte, representadas em seus túmulos junto a seus animais, prova da proximidade e afeto entre ambos. Tal atitude servia para demonstrar riqueza e status social, além de amor sincero.

A contrapartida também era verdadeira: alguns homens vendiam ou até matavam animais que os acompanharam e serviram durante longo tempo apenas por lucro, diversão ou até por considerar que o animal poderia perturbar a mente dos “cidadãos de bem” e tirar-lhes sua compenetração dos afazeres diários (ver Plínio o jovem, 9, 33).

¹⁴ Tradução de Mary de Camargo N. Lafer (2006 [1989]).

¹⁵ “... o sacrifício animal não era realizado sem um cuidadoso cerimonial designado, que visava contrabalançar o perigo potencial de derramar o sangue de vítimas inocentes”, in: Bodson, 1983, p. 315.

¹⁶ Tradução de Márcio M. Gontijo G. Júnior (2015, p. 222-223).

Os espetáculos nas arenas e os triunfos militares, exibindo animais exóticos capturados durante as conquistas, incrementavam as estatísticas de animais mortos para mero deleite do público, levando à crescente e gradual extinção de algumas espécies, provenientes do próprio continente, da África ou da Ásia. Inicialmente apresentados nos jogos fúnebres, logo a sua exibição em grandes locais é efetuada: exemplo são os cem dias de jogos em celebração à inauguração do Anfiteatro Flaviano ou a celebração de Pompeu, que ordenou a matança de vinte elefantes em seu retorno a Roma. Augusto igualmente trouxe de sua intervenção no Egito um pequeno zoo, com diversos animais exóticos, mantidos desde os tempos dos reis Ptolomeu I e II, para serem exibidos durante seu triunfo e mortos em seguida. Dentre as espécies consideradas exóticas desse zoo inicialmente contavam: “*Elephants, antelope, camels, parrots, leopards, cheetahs, a chimpanzee, twenty-four ‘great’ lions, lynxes, Indian and African buffaloes, a rhinoceros, a polar bear and a 45-foot long python*”.¹⁷

Os romanos possuíam alguns *vivaria*, locais onde esse tipo de animal era exibido e encerrado para futuros usos em celebrações e jogos, quando seriam, finalmente, sacrificados. Não raro, os animais eram depois recolhidos e levados para dissecação e análise de seus interiores, a fim de satisfazer a curiosidade de físicos e médicos romanos:

Magno rege inflammato cupidine animalium naturas noscendi delegataque hac commentatione Aristotelis, summo in omni doctrina viro, aliquot milia hominum in totius Asiae Graeciaeque tractu parere ei iussa, omnium quos venatus, aucupia piscatusque alebant quibusque vivaria, armenta, alvearia, piscinae, aviaria in cura erant, ne quid usquam genitum ignoraretur ab eo. Quos percunctando quinquaginta ferme volumina illa praeclara de animalibus condidit (Pl. NH VIII, 17).

Inflamado o grande governante¹⁸ pelo desejo de conhecer as naturezas dos animais e tendo confiado este estudo a Aristóteles, homem excelente em todo saber, ordenou-lhe obedecerem alguns milhares de homens de toda a Ásia e Grécia, que caçavam de tudo, que alimentavam aves e peixes e que cuidavam de animais cercados, rebanhos, abelhas, peixes e aves, a fim de que nenhuma raça fosse desconhecida por ele. Indagando-os, escreveu aqueles quase cinquenta ilustres volumes sobre os animais.

O gosto pela observação de animais em diferentes contextos e ambientes incrementa o prazer dos romanos pelos espetáculos. Viveiros, aquários, lagos e parques são alguns dos lugares visados por curiosos.

Os espetáculos envolvendo animais tornam-se cada vez mais sofisticados, sobretudo os aquáticos; Augusto, Nero e Tito foram alguns dos imperadores que proporcionaram esse

¹⁷ “Elefantes, antílopes, camelos, papagaios, leopardos, guepardos, um chimpanzé, 24 ‘grandes’ leões, lince, búfalos da Índia e da África, um rinoceronte, um urso polar e uma píton de 45 pés de comprimento”, In: Kalof, 2007, p. 36.

¹⁸ Trata-se de Alexandre, o grande.

tipo de amenidades ao seu público. A crença na agressividade natural de todos os animais incitava a promoção de grandes eventos com combates entre animais: “Indeed, watching animal-on-animal struggle was enjoyable for Pliny the Elder who was fond of providing narratives that detailed the spectacles of nature embedded in his encyclopedic descriptions of animal physiology and behavior”.¹⁹

A *NATURALIS HISTORIA* E SUA MATÉRIA

A *NH* é fruto da época de Vespasiano, que resgata a lembrança da paz augustana. Nero, sob cujo período pouco sabemos acerca dos trabalhos de Plínio, apresenta-se apenas com um lado negativo: ele representa a antítese de Vespasiano, contrário ao estoicismo e inimigo do gênero humano pelas atrocidades cometidas sob seu Império. Beagon (2005, p. 7) comenta sobre a cunhagem de moedas com a figura de Vespasiano, contendo inscrições que demonstram a política do comandante, como *pax populi Romani*, *pax orbis terrarum Augusta* ou *ob cives servatos*, todas expressões que o opõe a seu antecessor Nero.

A política vespasiana, aplaudida por Plínio, centra-se agora na construção de prédios públicos, que beneficiem o maior número de cidadãos, em oposição à antiga política de luxo excessivo e de enclausuramento de grandes obras artísticas em propriedades privadas e, portanto, úteis a poucos. Essa fora já uma prática de Otávio Augusto, que chegou a instituir leis restringindo, por exemplo, o uso excessivo de joias e trajes luxuosos, que afrontavam o ideal estoico de simplicidade e utilitarismo.

Entretanto, o início da composição da *NH* se deu em época anterior, contemporânea às obras de Lucano, Sêneca e Petrónio, antes de 65. O início de Vespasiano no poder e de suas campanhas militares talvez não tenham apresentado material suficiente para despertar o interesse dos autores. Nesse ínterim, no entanto, observa-se a revivescência da cultura helenística, representada pela chamada Segunda Sofística. Isso só faz crescer em Plínio sua suposta antipatia pelos gregos,²⁰ evidenciada sobretudo nos livros de farmacopeia, nos quais os gregos são acusados de trazerem para Roma a magia e suas práticas abomináveis, assim como os médicos carniceiros, que só pensavam no lucro, sem se importar com o doente.

Pompônio Segundo foi uma das fontes primeiras de Plínio, ao qual o autor dedicara um livro sobre as suas incursões na Germânia. Pompônio teria liberado para Plínio o acesso a diversos documentos antigos, escritos pelos Gracos, sobre a história de Roma. A *NH* é, sem dúvida, representante evidente de sua época: o resgate do *mos maiorum* é o principal foco de Vespasiano:

¹⁹ “Na verdade, observar animais lutando agradava a Plínio, o velho, que gostava de prover narrativas detalhando espetáculos da natureza embutida em suas descrições enciclopédicas da fisiologia e do comportamento animal”, In: Kalof, 2007, p. 37.

²⁰ A “antipatia” pelos gregos é mera caracterização retórica, posto que já a *Retórica a Herênio* apresenta essa antipatia ou rivalidade como meio de reforçar o vínculo dos romanos com seus antepassados e, portanto, com o *mos maiorum*. Diz o autor: “*Quas ob res illa, quae Graeci scriptores inanis adrogantiae causa sibi adsumpserunt, reliquimus*” – “Desprezamos, por isso, as coisas de que se apropriaram, por vã arrogância, os escritores gregos” (*Ret. Ad Her.* I, 1; trad. Ana Paula Faria e Adriana Seabra).

*The Flavian morality was itself nothing new, simply a revival of the ancient mos maiorum (literally, 'ancestral custom', traditional values)... This specifically Roman code of conduct was often expounded by Roman writers who enjoined a plain-living, hard-working, utilitarian ethos on their fellow-countrymen to ensure Rome's continued stability and success*²¹ (Beagon, 2005, p. 11-12).

O utilitarismo perpassa toda a *NH*: animais, homens, plantas, metais e habilidades desenvolvidas pelos homens para benefício da humanidade, em correlação com as ciências da agricultura, medicina e artes, de modo geral.

A natureza é a matéria de Plínio, conforme ele próprio sustenta no prefácio à sua obra (*NH*, Pref. 13). Sua forma enciclopédica não é totalmente nova, pois Varrão já compusera uma obra nesses moldes, mas o liame com a natureza por tema uníssono em todos os livros que compõem a obra é a novidade pliniana. A classificação hierárquica da natureza é tomada de Aristóteles, mas não nas mesmas proporções, pois para Plínio essa escala serve apenas como método mais simples: a descrição animal nos livros de farmacopeia, por exemplo, é feita *a capite ad pedes*.

A apresentação da matéria a ser explanada em categorias fazia parte do ensinamento escolar romano, em consonância com a retórica; a compilação fazia remissão aos Peripatéticos e à cultura helenística, retomados nessa época, como já vimos. Vem se juntar a isso o gosto pela relação das antighualhas, não obstante a necessidade de Plínio querer apresentar ao mesmo tempo as novidades. O estudo das antiguidades preserva o legado romano do passado, trazendo a lume antigas conquistas e atitudes que deveriam ser resgatadas.

A memória é essencial para a vida em sociedade; graças a ela o conhecimento não se perde com o tempo e se preserva a história (política, social, religiosa, linguística); ela dá sustento à história presente através de *exempla* e da comprovação sistemática dos fatos (em oposição a um presente sem ideais).

Geralmente importante é a noção de totalidade na obra; não só o conhecimento pretende ser amplo, mas também representa a vastidão do império edificado ao longo dos tempos e preservado por Tito e Vespasiano. Cada elemento (planta, lugar, animal, metal) é registrado segundo sua procedência, mas também segundo sua utilidade, com vistas à cidade, isto é, Roma. Templos, bibliotecas e residências imperiais eram verdadeiros repositórios dos achados no estrangeiro.

Beagon nos fala, por exemplo, das maravilhas (*mirabilia*) trazidas a Roma e custodiadas pelo imperador, verdadeiro guardião e preservador dos conhecimentos:

²¹ “A moralidade flaviana não era nova em si, mas simplesmente uma revivescência de um antigo *mos maiorum* (literalmente, ‘costume ancestral’, valores tradicionais)... Este código específico de comportamento romano era frequentemente explicado por escritores romanos que se engajavam numa vida plena, em trabalho duro, *ethos* utilitário para seus conterrâneos, a fim de assegurar a contínua estabilidade e o sucesso de Roma”.

So too the bringing of nature's mirabilia to Rome, where they frequently presented to the emperor and put on display in a public place, emphasized his role as the controlling unifier and microcosm of nature herself (Beagon, 2005, p. 24).²²

A unificação dos conhecimentos, preservada pela figura do imperador, representa o controle do mundo: de seus elementos, espécimes, pensamentos filosóficos, geográficos e históricos.

A natureza pliniana é divina e racional, o que explicaria a diferença entre homens e animais. O poder superdimensionado – na figura de Tito – tem seu paralelo na própria natureza: ela se mostra numa variedade imensa de elementos, com resultados diversos a cada experiência proporcionada, a cada uso e a cada época determinada. A natureza é suprema, por isso, divina. As diferentes raças humanas e espécies vegetais e animais são capazes de, a todo momento, surpreender até mesmo o mais sábio dos homens, pois a natureza é incansável em nos mostrar seus *mirabilia*: povos capazes de suportar o calor extremo, famílias imunes a ataques de serpentes, animais de porte incomensurável, plantas ao mesmo tempo venenosas e benéficas...²³

Do estoicismo Plínio retoma a ideia de comércio como um meio de comunicação e troca para ajuda mútua e benefício do maior número de pessoas possível. Evidentemente que isso só se torna um ideal possível através da paz, a *pax Romana* do tempo presente, reformulada sobre os princípios daquela *pax Augustana*, exemplo primeiro. O sol, principal “divindade” da natureza, a alma do mundo, pode ser associado ao imperador, que é o receptáculo da Razão, segundo o ideal estoico.

Ainda, o próprio povo romano pode ser identificado com o sol e, portanto, significar a luz sobre as demais nações, fundamentando mais uma vez o imperialismo romano como uma forma benéfica de governo para os estrangeiros. Estrangeiros esses – aliás, *barbari* – que são confrontados pelo uso indiscriminado ou irracional de elementos da natureza, que só levaram ao prejuízo do próprio homem. A racionalidade é atribuída ao imperador e às deidades ligadas à natureza, sobretudo o sol. A Fortuna, por exemplo, é irracional e, por isso, uma falsa divindade, indigna de culto entre os romanos, segundo os ideais estoicos, pois que a irracionalidade só traria caos e insegurança, justo o oposto dos imperadores.

A *NH* inicia-se com um prefácio no qual o autor expõe suas dificuldades, ineditismo e empresas para a composição da obra: Plínio lera um grande número de obras (cerca de 2000), dentre as quais 100 autores foram selecionados e serviram de exemplo ao longo dos 37 livros. A utilidade da obra é a compilação e geração de informações úteis à vida. Seus destinatários, o povo humilde e trabalhador; o destinatário, o imperador e seu filho: Vespasiano e Tito. Ao prefácio segue o primeiro livro, composto de um índice de todas as

²² “Também trazer os *mirabilia* da natureza a Roma, onde eles frequentemente apresentavam-nos ao imperador e os exibiam num lugar público, enfatizava seu papel como o controlador que unifica e o microcosmo da própria natureza”.

²³ Os relatos sobre os *mirabilia* se encontram esparsos nos livros VII a XI e XXX da *NH*. Sobre este assunto, ver também Carey, 2003, p. 84-99 e Beagon, 2005, p. 41.

matérias a serem expostas, tema por tema, autor por autor: o motivo, o utilitarismo para quem não tem tempo a perder lendo toda a obra.

Entretanto, ao nos debruçarmos sobre a obra inacabada,²⁴ ela está sujeita a alterações, conforme as informações chegam ou são lidas. Poder-se-ia dizer que o índice, então, perde seu intuito primaz de orientação do leitor, mas, em se tratando da *NH*, ele está amplamente inserido na proposta de um universo em constante transformação: “*Ego plane meis adici posse multa confiteor, nec his solis, sed et omnibus quos edidi...*” (Pl. *NH Praef.*) - (Eu confesso claramente que muito pode ser acrescentado aos meus livros, não só a estes, mas a todos aqueles que produzi...).

Acrescente-se a essas listas ainda expressões como “diz-se”, “narram”, indeterminando o sujeito do pensamento, fontes de narrativas de autoria imprecisas, atinentes a uma narrativa oral, ou ainda originárias de atas públicas ou miscelâneas pertencentes a coleções particulares. Varrão, Vêrrio Flaco, Valério Máximo, Muciano, Cornélio Nepos ou Alexandre o polímata e tantos outros autores de coleções enciclopédicas antigas são as influências certas de Plínio; porém, impossível precisar-se qual autor influenciou qual livro. Nesse sentido as imprecisões se mantêm, até mesmo para estudiosos que se debruçam constantemente sobre o tema como Münzer ou Rabenhorst.²⁵

Junte-se a isso, ainda, a lista de autoridades citadas aqui e ali, conforme a matéria tratada, como Aristóteles, Virgílio ou Heródoto, dentre outros. Isso sem contar as fontes indiretas, não lidas no seu original, mas citadas em obras consultadas.

AS CURIOSIDADES ANIMAIS: O EXÓTICO

A análise da composição da *NH* sugere aos leitores um agrupamento de assuntos em determinados livros. Assim, pois, como dissemos, os estudos sobre os animais se iniciariam no livro 7 a 11 e depois do 27 ao 32, onde ora se trata dos usos medicinais de cada espécie. Entretanto, há a possibilidade de lermos separadamente alguns dos livros, dentre os quais consta o 7,²⁶ por formar uma unidade coesa. Para os que consideram os livros 7 a 11 como uma unidade, esta seguiria o modelo aristotélico do homem como parte integrante do reino animal. Segundo Beagon (2005, p. 41): “*There are nearly forty passages in HN 7 where some of the material relates to passages from Aristotle’s History of Animals, Generation of Animals, or Parts of Animals*”.²⁷

A discrepância entre os livros plinianos e aristotélicos, entretanto, surge na descrição, por exemplo, dos chamados *mirabilia* ausentes em Aristóteles – a cultura desmesurada de

²⁴ Plínio chega a comparar, ainda no prefácio, sua obra com a escultura, dando o exemplo de Apeles, que sempre pendurava uma placa indicando que a obra ainda estava inacabada, portanto, sujeita a alterações propostas por seus observadores.

²⁵ Cf. Beagon, 2005, p. 31.

²⁶ Alguns estudiosos consideram o livro 7 um estudo de antropologia ou de etnografia.

²⁷ “Há aproximadamente quarenta passagens na *NH* 7 em que alguns dos assuntos se relacionam a passagens da *História dos animais*, *Geração dos animais* e *Partes dos animais*, de Aristóteles”.

alguns homens, sexualidade ambígua, monstros. A comparação do homem com outros animais é inevitável, chegando Plínio até mesmo a atribuir a animais características humanas. A única medida que faria o homem distar dos animais é a sua crueldade, ora exposta nos anfiteatros e arenas em duros combates. O homem é um paradoxo único, um microcosmo dentro da natureza. Variedade, universalidade e versatilidade são características da natureza, presentes nos animais, que os distinguem uns dos outros e os tornam únicos.

A variedade da natureza proporciona a exposição pliniana dos *mirabilia*. Embora o autor expresse desde o início da obra sua intenção de não se ater a assuntos não usuais, a NH é plena desse tipo de relato. Segundo Carey (2003, p. 84): “*The Natural History is dominated by mirabilia, particularly in Pliny’s account of man and animals (books 7 & 8-11), and it is a theme which is sanctioned by Pliny’s subject, Nature herself*”.²⁸

Tais *mirabilia* são apresentados em séries de associações: o primeiro contato visual com a espécie; a primeira aparição em Roma; a comparação com espécimes de mesma família ou diferentes etc. Assim, pois, a narrativa acerca do hipopótamo:

Primus eum et quinque crocodilos Romae aedilitatis suae ludis M. Scaurus temporario euripo ostendit. Hippopotamus in quadam medendi parte etiam magister existit... (Pl. NH VIII, 40)

Primeiro M. Scauro mostrou-lhe cinco crocodilos num canal temporário durante os jogos, enquanto edil em Roma. O hipopótamo aparece ainda como o mestre em certa parte dos tratamentos...

O animal, considerado exótico porque trazido de um habitat estrangeiro, tem sua apresentação ao público romano em data determinada – a edilidade de Scauro, isto é, 58 a. C. –, e sua importância para a medicina é logo determinante para a sua presença em Roma. Diversas analogias são feitas ao longo do livro, sempre apresentando esses animais segundo sua primeira apreciação em Roma: o elefante, a girafa, o lince...

Vivaria eorum ceterarumque silvestrium primus togati generis invenit Fulvius Lippinus: is in Tarquiniensi feras pascere instituit; nec diu imitatores defuere L. Lucullus et Q. Hortensius (Pl. NH VIII, 78).

Fúlvio Lipino, como primeiro trajando a toga, descobriu os cercados destes e de outros animais selvagens: ele estabeleceu que alimentassem as feras em Tarquínias; e não tardaram muito os imitadores L. Luculo e Q. Hortênsio.

Enquanto a expansão do Império romano fez por longo tempo o exército avançar por terras estranhas até o fim do mundo em busca de conquistas, agora era o fim do mundo que vinha até Roma, através da exibição de criaturas estranhas ao mundo urbano de Roma. A criação de espetáculos e exibições são apenas parte da necessidade de se mostrar o poderio romano.

²⁸ “A *História Natural* é dominada por *mirabilia*, sobretudo nos relatos de Plínio sobre o homem e os animais (livros 7 & 8-11), e este é um tema sancionado pela matéria pliniana, a própria Natureza”.

Ao tratar da etnozoologia na *NH*, Moser (2013) observa a distinção entre os termos *genus* e *species* utilizados por Plínio, centrando-se especificamente nos livros 8 a 11. Haveria uma predileção, segundo Moser, pela utilização do termo *genus*, em especial ao referir-se aos animais: “*genus acts as a descriptive force which further characterizes the animal in question... we see that genus’ worth is rolled in its descriptive capabilities of nature rather than taxonomy*”²⁹ (Moser, 2013, p. 40).

Há que se levar em conta que o interesse de Plínio é a informação e o conhecimento a serem repassados aos leitores, não lhe cabendo a exata classificação animal, antes já realizada na literatura, sobretudo por Aristóteles na *História dos animais*.

Quanto ao termo *species*, significativamente bem menos utilizado que *genus*, designaria as aparências físicas do animal, levando em conta a variedade das diferentes espécies de uma mesma família ou grupo. Moser mais adiante tratará dos animais que considera os mais exóticos dentro da obra pliniana, a saber: *haliēntus*, *pardus*, *pantera* e *crocata*,³⁰ discorrendo sempre acerca do tratamento empregado a cada um dentro de um *genus*, mas que não é nosso objetivo aqui tratar.

Ao discorrer sobre os animais – assim como sobre as plantas – Plínio segue o seguinte esquema de exposição: a) principais características da espécie; b) princípios de simpatia e antipatia despertados por cada espécie; sua história, sobretudo sua primeira aparição ou exposição em Roma; d) (re)produção; e) *mirabilia* associados a cada espécie.

Os melhores amigos do homem são o cão e o cavalo, por sua lealdade e utilidade, respectivamente. No entanto, mesmo em relação a animais tão comuns, o autor não se furta a relatar histórias sobre cães exóticos, oriundos da Índia (terra exótica por excelência), dentre os quais um chegou a matar um leão e outro um elefante durante supostos enfrentamentos; ou que uma serpente latiu e um cão falou.

As espécies consideradas exóticas são introduzidas em Roma com as apresentações durante jogos e triunfos, como já se aventou, criando um verdadeiro comércio de animais, com especialistas na captura e manutenção ou preservação de cada espécie: rinocerontes, leões etc.

A natureza pode expressar toda a sua complexidade em criaturas tão grandes quanto as acima descritas, quanto nas menores delas, os insetos, em especial as abelhas (livro 11). A fonte para sua descrição é grega, mas a metáfora com um campo militar é romana – fruto das experiências próprias de Plínio. Sua forma de vida é completamente organizada e cada uma tem sua função própria: trazer alimento ou água, construir a colmeia, produzir mel etc.

Sed inter omnia ea principatus apibus et iure praecipua admiratio, solis ex eo genere hominum causa genitis. mella contrahunt sucumque dulcissimum atque subtilissimum ac saluberrimum; favos confingunt et ceras mille ad usus vitae, laborem tolerant, opera conficiunt, rempublicam habent, consilia privatim ac duces gregatim, et quod maxime mirum sit, mores habent praeter cetera. Cum sint neque mansueti generis neque feri. Tanta est natura rerum ut prope ex umbra minima animalis incomparabile effecerit quiddam (Pl. NH XI, 4).

²⁹ “*Genus* é uma força descritiva, que ainda caracteriza o animal em questão... vemos que o valor de *genus* é regido por suas capacidades descritivas da natureza mais que pela taxonomia”.

³⁰ Respectivamente, uma espécie de peixe, o leopardo, a pantera e uma espécie de hiena.

Mas, entre todas elas pertence às abelhas a primazia e justamente uma notável admiração, desse gênero foi a única espécie criada para benefício dos homens. Produzem mel, o mais doce e sutil e salutar dos sucos; modelam os favos e ceras para mil utilidades da vida, suportam o trabalho, realizam obras, têm um governo, conselhos separadamente e chefes em bandos, e – o que é mais admirável – têm costumes em oposição aos demais, visto que não são de espécie domesticada nem feroz. Tamanha é a natureza, que quase de uma mínima sombra de um animal produziu algo incomparável!

O exotismo fica por conta de prática de augúrios, constatada no relato de que uma abelha pousara nos lábios de Platão quando criança, por exemplo, ou no fato de o campo de Druso ter sido invadido por um enxame, pouco antes de uma batalha.

A IDEIA DE MONSTRUOSIDADE

Antes de falar de monstrosidade ou de seres monstruosos, cabe uma nota sobre a significação do termo na literatura latina. Na Antiguidade clássica romana, o termo *monstrum* servia para designar aquilo que era diferente, prodigioso, tendo ou não relação com a religião, portanto, tendo ou não ligação com o divino. Algumas noções são: “*Any thing out of the ordinary course of nature; any thing extraordinary or wonderful; a prodigy, monster, τέρας, res naturae modum egrediens, sive sit deformis, sive non*”³¹ ou ainda: “*Orig. belonging to relig. lang., a divine, omen indicating misfortune, an evil omen, portent [syn. ostentum, prodigium, portentum]... Transf. a monster, monstrosity (whether a living being or an inanimate thing)*”³²

Assim, pois, vemos Virgílio, na *Eneida*, aludindo à entrada do cavalo em Troia como um monstro que levará a destruição à cidade:

... *Quater ipso in limine portae,
subsistit atque utero sonitum quater arma dedere;
instamus tamen immemores caecique furore
et monstrum infelix sacrata sistimus arce.* (Virg. *En.* 2, 242-245)

Quatro vezes ela se deteve no limiar da porta, quatro vezes no seu flanco retumbou o fragor das armas. Entretanto nós prosseguíamos, sem nada ver, presa de furor cego, e colocamos o monstro nefasto na cidadela consagrada.³³

³¹ “Qualquer coisa fora do curso comum da natureza; qualquer coisa extraordinária ou maravilhosa; um prodígio, monstro, τέρας, *res naturae modum egrediens, sive sit deformis sive non*”, In: Forcellini, 1828, p. 1214.

³² “Originalmente pertencente à linguagem religiosa, um presságio divino indicando desgraça, um presságio ruim, portento [sin. *ostentum, prodigium, portentum*]... *p. ext.* um monstro, monstrosidade (tanto um ser vivo quanto algo inanimado)”, In: Lewis and Short, 1891, p. 1177.

³³ Tradução de T. O. Spalding, 1992, p. 36.

E ainda, no episódio que retrata quando Palinuro, timoneiro de Eneias, negando-se a confiar no Sono, que lhe chega com vãs promessas, interpela-o:

*“Mene salis placidi vultum fluctusque quietos
Ignorare iubes? Mene huic confidere monstro?”* (Virg. *En.* 5, 848-849)

“É a mim que queres fazer esquecer o que escondem o aspecto de um mar tranquilo e ondas sossegadas? Porventura queres que me ficasse prodígio?”³⁴

O monstro era considerado um estranhamento entre os homens e o mundo que os cerca. Com o decorrer dos tempos, passou a significar transgressão, sobretudo quando se juntou ao termo um sentido religioso, ensejando uma contrariedade às leis divinas, conforme Jeha (2007, p. 19):

Entre as metáforas mais comuns que usamos para nos referir ao mal, estão o crime, o pecado e a monstruosidade (ou o monstro). Quando o mal é transposto para a esfera legal, atribuímos-lhe o caráter de transgressão das leis sociais; quando o mal aparece no domínio religioso, o reconhecemos como uma quebra das leis divinas, e quando ele ocorre no reino estético ou moral, damos-lhe o nome de monstro ou monstruosidade.

Os homens são os primeiros a serem nomeados dentre os animais, no livro 7. Por exemplo, homens extremamente altos tiveram seus restos mortais sepultados em tumbas no Jardim de Salústio, devido ao estranhamento que causavam nos romanos:

Fuere sub divo Augusto duo semipede addito, quorum corpora eius miraculi gratia in conditorio Sallustianorum adservabantur hortorum; Pusioni et Secundillae erant nomina. eodem praeside minimus homo duos pedes et palmum Conopas nomine in deliciis luliae neptis eius fuit, et minima mulier Andromeda liberta luliae Augustae. Manium Maximum et M. Tullium equites Romanos binum cubitorum fuisse auctor est M. Varro, et ipsi vidimus in loculis adservatos. sesquipedales gigni, quosdam longiores, in trimatu implentes vitae cursum, haud ignotum est (Pl. *NH VII*, 16).

Existiram no reinado do divino Augusto duas pessoas de meio pé de altura, cujos corpos, graças a esse prodígio, foram conservados num depósito dos jardins de Salústio; chamavam-se Púcio e Secundilha. Sob o governo do mesmo, o menor homem, chamado Canopas, de dois pés e um palmo de altura, serviu de divertimento para sua neta Júlia, e a menor mulher era Andrômeda, liberta de Júlia Augusta. M. Varro sustentou que Mânio Máximo e M. Túlio, cavaleiros romanos, tivessem dois côvados de altura, e nós mesmos vimos que foram

³⁴ Tradução de T. O. Spalding, 1992, p. 107.

conservados em covas. Não se ignora que nascem com um pé e meio de altura aqueles mais altos, que completam o curso de sua vida aos três anos de idade.

Inicialmente os *mirabilia* se encontravam em terras distantes, mas poderiam estar também mais próximos a Roma, como na Cítia: “*Esse Scytharum genera, et quidem plura, quae corporibus humanis vescerentur indicavimus - id ipsum incredibile fortasse ni cogitemus, in medio orbe terrarum [ac Sicilia et Italia] fuisse gentes huius monstr?*” (Pl. NH VII, 2) - (Indicamos que havia entre os povos da Cítia, de fato eram muitos, aqueles que se alimentavam de corpos humanos – isso seria mesmo incrível talvez, se não pensarmos que no meio do orbe da terra [na Sicília e na Itália] havia povos dignos desse tipo de admiração).

A preservação dos exemplares, não só materialmente, mas na memória, ora escrita, é o principal objetivo de Plínio: “*And if not all the mirabilia which Pliny records have been specifically preserved in Rome, his written collection preserves them, preventing their obliteration...*”.³⁵

Essas maravilhas serão retomadas nos livros finais da NH, mormente no livro 36, dedicado às artes, como se fora uma espécie de catálogo das posses romanas; diferentemente, estas agora não são maravilhas da natureza, mas criadas pela mão do homem: obeliscos, estátuas, pirâmides... Todas essas obras remetem ao luxo, vindo do Oriente. Aqui tudo está associado às aquisições do Império.

Nos livros 8 a 11, espetáculo e *mirabilia* se mesclam no texto, onde animais são apresentados durante jogos diversos realizados em Roma. Para Naas,³⁶ os *mirabilia* são, de fato, uma forma de demonstração do imperialismo romano, que ultrapassa a todos os demais povos, posto que centro do mundo dominado à época, ainda repositório e referência de todo conhecimento. Entretanto, a estudiosa assinala que há também um lado negativo: a perda da liberdade.³⁷

Em geral, os *mirabilia* vêm do exterior, da chamada periferia; portanto, causam surpresa e admiração. Plínio, então, tenta criar certa familiaridade, desmistificando e apresentando os estranhos fenômenos da natureza. A comparação com seres já conhecidos em Roma serve de ponto de contato para a cultura do não estranhamento do desconhecido. A utilização de fenômenos exteriores serve para exemplificar o que Roma possui.

Através desses exemplos e comparações, Plínio faz propaganda da *pax Romana*, que possibilitou a expansão territorial e, consequentemente, o (re)conhecimento de fenômenos, formas de vida e de culturas longínquas, que foram levados a Roma. A apresentação dessas formas, ora expostas na NH, é tanto parte de um programa de entretenimento quanto de domínio especial sobre os achados.

³⁵ “E mesmo que nem todos os *mirabilia* que Plínio registra fossem especificamente preservados em Roma, sua coleção escrita os preservou, evitando seu esquecimento...”, In: Carey, 2003, p. 86.

³⁶ Cf. Naas, 2011, p. 57.

³⁷ “*The reason for this might well be the loss of libertas, which Pliny denounces in veiled terms. On the context, mirabilia can be thought of as a compensation for the people*” (“a razão para isto pode bem ter sido a perda da *libertas*, que Plínio denuncia em termos velados. No contexto, *mirabilia* podem ser pensados como uma compensação para o povo”), in: Naas, 2011, p. 57.

Como explicar, entretanto, o paradoxo entre o racional e o maravilhoso? Entre ciência e maravilha? A ciência é puramente racional, busca explicações para os fenômenos e acontecimentos; em contrapartida, o maravilhoso é o inexplicável, o diferente. Não interessa a Plínio buscar uma explicação para isso. A *NH* revela um tipo de conhecimento mais acessível a um público maior, contribuindo para a difusão do conhecimento, ainda que carente de explicações científicas mais aprofundadas ou adequadas, e os *mirabilia* servem para despertar a curiosidade, já que Plínio mesmo se define como *curiosus*.

Apesar da já alcançada *pax*, o império não vê um progresso nas ciências, na aquisição de conhecimento, mesmo em condições extremamente favoráveis. O pouco desenvolvimento se dará, por exemplo, na arquitetura ou na medicina, com a introdução de plantas, ervas e animais que servirão para compor os fármacos. Divisa-se, assim, um paradoxo na *NH*: a *pax* em oposição à *libertas*; em tempos de paz, o império não subsidia novas pesquisas, posto que o excesso de luxo cerceie os fomentos para outras áreas; o luxo, observado nos *mirabilia* feitos pelas mãos do homem: tecidos, estátuas, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história dos animais – incluso o homem ou não nessa categoria – não é o objeto primeiro da obra pliniana. Muito menos a sua categorização pormenorizada em espécies, com fins do que mais tarde conheceremos como classificação das espécies. A *NH* segue um modelo de literatura que é o da compilação de informações, acrescidas a todo tempo de novas informações – remete-nos a isso o fato de o próprio autor afirmar em seu prefácio que a obra só termina quando o autor morre.

O objetivo maior da *NH* seria se transformar em mais que um repositório de informações, muitas das vezes inúteis para o vulgo; a valorização das conquistas, ora sob a nova *pax Romana*, torna-se fundamental para a divulgação de conhecimentos que sejam úteis aos romanos. Portanto, utilitarismo e imperialismo são as tônicas da obra. Paradoxalmente, a paz, que tantos benefícios poderia trazer após um extenso período de conquistas, torna-se um dos motivos para o escasso desenvolvimento das ciências, posto que não incentivado. O luxo, recuperado com a vinda de novos materiais, espécimes e maravilhas, deixa pouco espaço para o cientificismo.

Os *mirabilia* são a melhor maneira de o autor conquistar a admiração de um público ávido por novidades, sobretudo as que lhe causam espanto. Nada melhor que espetáculos e triunfos para mostrar tais novidades. O comércio – novamente ligado ao luxo – adquire proporções que são fatais, sobretudo para animais e plantas: a importação de espécies para um local estranho ao seu habitat natural leva à quase extinção de algumas delas, como uma espécie de elefante, relatada por Plínio. Não obstante a especialização de tratadores, domadores, cuidadores, a destruição será inevitável.

REFERÊNCIAS

- BEAGON, Mary. *The Elder Pliny on the Human animal. Natural History book 7*. Oxford: Clarendon Press, 2005.
- BODSON, Liliane. Attitudes towards animals in Greco-Roman antiquity. *International Journal for the Study of Animal Problems*, v. 4, n. 4, p. 312-320, 1983. Disponível em: <http://animalstudiesrepository.org/acwp_sata>. Acesso em: 20 maio 2017.
- BODSON, Liliane. La zoologie romaine d'après la *HN* de Pline. *Helmantica*, v. 37, p. 107-116, 1986.
- CAIRUS, H. F. Ares, águas e lugares. In: CAIRUS, H. F.; RIBEIRO, W. A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. História da Saúde, p. 91-129. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/9n2wg/pdf/cairus-9788575413753-07.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2017.
- CAREY, Sorcha. *Pliny's catalogue of culture. Art and empire in the Natural History*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2003.
- CARUS, Victor. *Histoire de la zoologie depuis l'antiquité jusqu'au XIX siècle*. Trad. française par P. Hagenmuller. Paris: Librairie J.-B. Baillière et Fils, 1880.
- [CÍCERO]. *Retórica a Herênio*. Trad. Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.
- FORCELLINI, Egidio. *Totius Latinitatis lexicon*. Londini: Baldwin & Cradock, 1828.
- FRENCH, Roger. *Ancient Natural History. Histories of nature*. London; New York: Routledge, 2005.
- GIBSON, Roy K.; MORELLO, Ruth. *Pliny the Elder: themes and contexts*. Leiden; Boston: Brill, 2011.
- HESÍODO. *Obras y fragmentos*. Introducción, traducción y notas de Aurelio Pérez Jiménez y Alfonso Martínez Díez. Madrid: Editorial Gredos, 1990.
- HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Trad., introdução e comentários de Mary de Camargo N. Lafer. 5. ed. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- JEHA, Julio (Org.). *Monstros e monstruosidades na literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- KALOF, Linda. *Looking at animals in Human History*. London: Reaktion Books, 2007.
- LEWIS, Charlton T.; SHORT, Charles. *A new Latin dictionary*. New York: Harper & Brothers Publishers, 1891.
- MAIRE, Brigitte (Ed.). *'Greek' and 'Roman' in Latin Medical texts*. Leiden, Boston: Brill, 2014.

MOSER, Benjamin. *The Roman ethnozoological tradition: identifying exotic animals in Pliny's Natural History*. Thesis. London; Ontario; Canada: The School of Graduate and Postdoctoral Studies, The University of West Ontario, 2013.

NAAS, Valérie. Imperialism, *mirabilia* and knowledge: some paradoxes in the *Naturalis Historia*. In: GIBSON, Roy K.; MORELLO, Ruth (Ed.). *Pliny the Elder: themes and contexts*. Leiden; Boston: Brill, 2011.

OVÍDIO NASÃO, P. *Fastos*. Trad. Márcio M. Gontijo G. Júnior. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

PLINY. *Natural History I: Pref. Libri I - II*. With English translation by H. Rackham. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1962.

PLINY. *Natural History II: Libri III – VII*. With English translation by H. Rackham. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1967.

PLINY. *Natural History III: Libri VIII – XI*. With English translation by H. Rackham. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1961.

PUGLIARELLO, Mariarosaria. *Le origini della favolistica classica*. Brescia: Paideia Editrice, 1973.

VERGÍLIO. *Eneida*. Trad. Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo: Cultrix, 1992.

Recebido em: 16/09/2017

Aprovado em: 29/12/2017